

DO SILÊNCIO À VOZ: A EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA OFICINA DE RÁDIO EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

From silence to voice: the experience of a radio workshop in a community center in Belo Horizonte

Regina Céli Fonseca Ribeiro¹
Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi²
Izabel Christina Friche Passos³

Artigo encaminhado: 15/03/2016
Aceito para publicação: 28/04/2016

RESUMO: Os Centros de Convivência, como dispositivos para a atenção intersetorial em saúde mental, são espaços privilegiados de construção de histórias de vida. Professores do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, por intermédio da disciplina de Prática Clínica em Terapia Ocupacional II, vêm desenvolvendo há três semestres, em parceria com um dos Centros de Convivência da capital Belo Horizonte e com a Rádio UFMG Educativa, uma oficina de rádio junto aos usuários do equipamento. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência da construção da oficina. A ideia central da oficina, ao menos inicialmente, era que os usuários se reapropriassem de sua voz. Ao colocar o saber técnico, o diagnóstico e a clínica em suspensão, de forma deliberada, percebeu-se que a potencialidade para assumir o protagonismo da própria história é latente em cada usuário e que, talvez, sejamos apenas temporários no processo.

Palavras-chave: Saúde mental; Terapia ocupacional; Reforma psiquiátrica; Serviço de saúde mental.

ABSTRACT: Community centers, as alternative settings for mental health interventions, are privileged spaces for history lives constructing. Professors of Occupational Therapy in Federal University of Minas Gerais, through the discipline of Clinic Practice in Occupational Therapy II, developed, in last three semesters, in partnership with a community center of Belo Horizonte and UFMG Educativa Radio, a therapeutic workshop with patients. This paper objective is to describe the workshop's experience. The first idea was that the patients got their own voice. When suspended, intentionally, the technic and the clinic, was possible to notice that the potential to assume their own history of life is inherent to them all and, maybe, we are just temporary in this process.

Keywords: Mental health; Occupational therapy; Psychiatric reform; Mental health services.

1. INTRODUÇÃO

1.1 A saúde mental no município de Belo Horizonte

¹ Professora Assistente do Departamento de Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG; doutoranda em Psicologia Social/UFMG; saúde mental. rribeiro@ufmg.br

² Professor Assistente do Departamento de Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG; doutorando em Estudos do Lazer/UFMG. arp.tomasi@gmail.com

³ Mestra em Filosofia pela UFMG e Doutora em Psicologia pela PUC/SP. Professora associada do Dep. de Psicologia e PPG em Psicologia da Fafich/UFMG e do Mestrado Profissional "Promoção da Saúde e Prevenção da Violência" da Faculdade de Medicina/UFMG. izabelfrichepassos@gmail.com

O município de Belo Horizonte está dividido em nove distritos sanitários. A rede de atenção psicossocial do município, atualmente, conta com 58 equipes de saúde mental, Centros de Referência em Saúde Mental (CERSAM), Centros de Referência em Saúde Mental Álcool e Drogas (CERSAM-AD), Centro de Referência em Saúde Mental Infante Juvenil (CERSAMi), Serviços Residenciais Terapêuticos, Equipes de Consultório de Rua e Centros de Convivência (CC) (BELO HORIZONTE, 2014).

Especificamente em relação aos CC, o Plano Municipal de Saúde do município indica a existência de nove destes equipamentos na rede substitutiva, sendo um para cada distrito sanitário. De acordo com Soares (2009), o centro de convivência é

Um lugar tensionado, criativo, inusitado, flexível, aberto ao novo e ao não pronto, que se inventa e se reinventa na medida em que vai fazendo por fazer. Podemos dizer de um *ethos* que agrega valor à existência por meio da experiência (SOARES, 2009 p.40).

Ainda de acordo com a autora, a práxis produzida no Centro de Convivência é considerada como um instrumento de empoderamento e crítica, baseado no protagonismo dos usuários e na solidariedade.

As oficinas terapêuticas em saúde mental⁴ são seus principais operadores e organizadores favorecendo a criação, a expressão, a experimentação, a transformação, a invenção de novas formas de estabelecer trocas e de estar no mundo, aliando efeitos clínicos, sociais e políticos (GALLETTI, 2004; RIBEIRO, 2004; SOARES, 2011).

A Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte (SMSBH) e o Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais estabelecem parceria no sentido de proporcionar aos discentes a formação prática em serviço, conforme preconizado na Lei Orgânica do Sistema Único de Saúde e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de terapeutas ocupacionais.

⁴Optamos por manter o termo oficina terapêutica, como utilizado no âmbito do Sistema Único de Saúde, apesar de sabermos que muitas discussões poderiam ser feitas acerca do objetivo terapêutico ou não de cada oficina desenvolvida nos diferentes dispositivos substitutivos ao manicômio, mas este não é nosso objetivo neste trabalho. A expressão "oficina terapêutica em saúde mental" é utilizada por COSTA e FIGUEIREDO (2004), para qualificar as oficinas desenvolvidas no contexto da saúde mental brasileira.

Neste sentido, o cenário da experiência é um dos Centros de Convivência do município. Além dos usuários e equipe de profissionais, circulam pelo CC, discentes e docentes de diferentes cursos e universidades de Belo Horizonte, desenvolvendo aulas práticas, estágios curriculares, extracurriculares, projetos de extensão e de pesquisa, fazendo deste um campo que, além da inserção social, tem importante contribuição na produção de conhecimento em saúde mental.

No caso específico do curso de graduação supracitado, a entrada no campo de prática ocorreu pela disciplina de Prática Clínica em Terapia Ocupacional II, disciplina obrigatória no processo de graduação em terapia ocupacional da instituição. De natureza prática, esta disciplina prevê que os discentes realizem o acompanhamento de atendimentos em terapia ocupacional em diferentes contextos de atuação profissional, dentre estes a saúde mental.

Nesta direção, no segundo semestre letivo de 2014, foi proposta a elaboração e desenvolvimento de uma oficina de rádio, junto a usuários do CC. Uma parceria com a Rádio UFMG Educativa foi buscada visando ao assessoramento em relação às questões técnicas e operacionais da construção de um programa de rádio. O formato da disciplina foi submetido ao Departamento de Terapia Ocupacional, que assumiu a continuidade do projeto nas turmas que se seguissem, preservando assim compromisso feito com os usuários, com o centro de convivência e com a Rádio UFMG Educativa.

O objetivo deste texto é apresentar o processo de construção da oficina, cujo principal resultado até o momento desse relato, foi a produção de três edições do programa de rádio Louca Sintonia.

2. A PRIMEIRA EDIÇÃO DO LOUCA SINTONIA

As atividades tiveram início no segundo semestre letivo de 2014. O ponto de partida para a experiência aconteceu em reunião com a gerente do CC para apresentar a proposta da disciplina. O formato apresentado seria de uma turma de seis a sete alunos, em encontros semanais de três horas, ao longo do semestre e sob supervisão docente direta a cada encontro. Como de costume, durante a negociação para entrada de alunos nos serviços, as atividades da disciplina foram planejadas considerando a demanda dos usuários e do próprio serviço.

Nesse primeiro encontro recuperou-se a boa receptividade que os usuários tiveram em uma experiência anterior da mesma disciplina, quando foi realizada uma oficina de rádio que promoveu algumas articulações com espaços culturais da cidade, construiu uma radionovela e apresentou seus resultados dentro do próprio centro de convivência, ao final do semestre. Outras experiências com oficinas de rádio já haviam sido desenvolvidas no centro de convivência, além de um projeto de construção de uma rádio dos próprios usuários, que foi submetido a um edital do governo federal, mas que não foi aprovado.

A possibilidade de se resgatar essa ideia, inicialmente no âmbito do CC para, quem sabe, despertar neles o interesse pela construção de uma rádio própria foi levantada, bem como a possibilidade de se buscar uma parceria com a Rádio UFMG Educativa, cujos profissionais já haviam participado, como jurados, do concurso de samba-enredo para o 18 de maio. Em consenso, decidiu-se propor aos usuários uma oficina de rádio e, caso houvesse concordância, propor também uma tentativa de interlocução com a Rádio UFMG Educativa, como forma de desenvolver uma prática intersetorial e de viabilizar a circulação social de uma possível produção da oficina.

A ideia inicial da disciplina foi apresentada aos alunos com o convite para que colocassem entre parênteses toda a teoria vista no curso até então e para que se abrissem ao novo, ao encontro com os usuários e com a proposta de uma oficina de rádio que seria apresentada aos usuários e que poderia ser aceita ou não por eles. Ainda foi colocado que seria construída a partir do que os usuários trouxessem como ideias e demandas. Uma retomada da teoria ou nova reconstrução teórica certamente aconteceria posteriormente. Foram orientados a pesquisar sobre experiências de oficinas de rádio e sobre rádios conduzidas por usuários da saúde mental.

Um convite para o primeiro encontro da oficina foi gravado pelos alunos, na forma de *teaser* - recurso usado em rádio, televisão e publicidade que visa provocar a curiosidade e atrair a atenção das pessoas sobre determinado assunto - e enviado ao serviço para divulgação entre os usuários. No horário combinado ninguém apareceu para a oficina, o que provocou uma decepção geral da turma e, por outro lado nos permitiu fazer as primeiras reflexões acerca do encontro com a prática, as expectativas idealizadas por todos e o cuidado necessário para que não nos antecipássemos ao desejo dos usuários. Os alunos ensaiaram, então, um pequeno esquete, fazendo novo convite aos

usuários e apresentando-a nas oficinas que aconteciam no serviço naquele momento. O resultado foi a presença de alguns usuários, pouco tempo depois.

Foi então estabelecido um diálogo com os usuários sobre a experiência de escutar rádio e da participação anterior em oficinas com esse tema, sobre a conversa com a gerente e a ideia que surgiu de retomarmos a proposta de uma oficina de rádio pensando na possibilidade futura de uma rádio dos usuários. Todos os presentes mostraram interesse. Naquele momento, um dos usuários se lembrou de uma experiência próxima, ocorrida em disciplina anterior, expressando sua insatisfação com o fato de não ter ouvido o resultado da oficina, reivindicando a gravação final e que o mesmo não se repetisse com essa turma.

Acordo feito, foram levantadas possibilidades de músicas e do tipo de informação que gostariam de ver veiculadas numa rádio deles; pensaram também em possíveis nomes para a rádio, como Futurismo, Bem-Estar, Dinâmica, Criativa, Flex, Convivência, Jovem, Evolutiva, Missão, Autêntica. Dado o passo inicial, novo *teaser* foi gravado, agora com a participação de dois usuários, convidando os demais a comparecerem aos próximos encontros. Quanto a uma possível parceria com a Rádio UFMG Educativa, o entusiasmo foi geral com adesão imediata à ideia.

A Rádio UFMG Educativa foi consultada sobre a viabilidade de uma parceria que foi aceita prontamente, num feliz encontro que enlaçou a perspectiva de coparticipação da oficina com o cotidiano da Rádio UFMG, co-construído coletivamente por todos daquela equipe e com seu tripé editorial - visibilidade, formação e alternativa (SANTOS, 2010). De imediato, abriram as portas para receber os usuários em uma visita para conhecer o dia-a-dia da rádio e colocaram a proposta de nos assessorar, *in loco*, na construção de um programa que pudesse entrar na grade de programação da Rádio UFMG Educativa.

A tarefa, então, era submeter a ideia aos usuários e, havendo concordância, responder às seguintes perguntas que fazem parte do procedimento inicial de elaboração de qualquer programa da emissora: 1. Qual o público que pretendemos alcançar?; 2. Quais os meios de produção que temos? Aqui, deveriam ser considerados os recursos financeiros; recursos técnicos (estúdio, telefone, microfone, etc.); recursos humanos; disponibilidade de tempo para gravação; as fontes de informação que forneceriam o material para o programa (usuários, trabalhadores, teóricos); embasamento teórico que dariam a linha do programa. Os recursos financeiros não seriam necessários e os

recursos técnicos não se aplicavam ao nosso caso porque seriam os da Rádio UFMG Educativa; 3. Qual o formato do programa? Neste ponto, foram apresentados diferentes formatos (Pílula - de 2 a 3 minutos com um determinado tema, com frequência diária; Programete - de 7 a 8 minutos, com falas e músicas e frequência de pelo menos uma vez por semana; Programa de 15 minutos - semanal, com música, informação, cultura e; Programa de 60 minutos: semanal, com quatro blocos de 12 minutos e que são mais musicais).

A partir daí algumas ações aconteceram: definição do nome do programa; visita ao espaço da Rádio e resposta às perguntas que ajudariam a definir a estética do programa. A definição do nome do programa aconteceu em um processo de eleição que se deu em dois turnos, ao longo de duas semanas e a partir de nomes sugeridos por eles, resultando no nome "Louca Sintonia".

A visita à Rádio UFMG Educativa foi planejada com os usuários e foi marcada por muita exaltação e ansiedade. Experimentaram e ouviram a locução de suas próprias vozes no estúdio de gravação, receberam do coordenador de produção da Rádio a informação de que poderiam ficar à vontade para falar do que quisessem no programa que seria construído e que produtores e estagiários da Rádio UFMG Educativa estariam presentes em nossos encontros, com os equipamentos necessários para a gravação do material, depois que o grupo definisse a linha do programa.

Decidiu-se, então, por um programa de 1 hora, com quatro blocos de 12 minutos, para ir ao ar no final do semestre, para um público alvo geral; os recursos humanos disponíveis foram os próprios usuários, alunos e professores; as fontes de informação seriam os próprios usuários, osicineiros do centro de convivência, as oficinas e sua gerente, além das ideias de Saraceno (2001) e Baságliã (1985) e a política nacional de saúde mental. A construção da oficina utilizaria o tempo disponível que os docentes e discentes disponibilizassem para a disciplina (todas as quintas feiras, de 8h30 as 11h30). Como temas e conteúdos do programa pensaram-se em temas relacionados à cultura (cinema, TV, teatro), esporte, variedades, saúde, piadas, música de diferentes gêneros (MPB, sertanejo, Jovem Guarda, gospel e Raul Seixas).

Tudo acordado, tiveram início as atividades da disciplina para a construção do programa, propriamente dito. Em cada quinta feira, o material produzido pelos usuários foi sendo recolhido por meio de gravações nos celulares dos alunos e nos gravadores da

equipe da Rádio UFMG Educativa, para posterior seleção e edição conjunta: depoimentos sobre a experiência com a loucura, sobre o histórico e as ideias que originaram o Movimento da Luta Antimanicomial, entrevista sobre o processo de criação do CD São Doidão (grupo musical vinculado ao CC), causos, piadas, redação de textos por aqueles que não gostam de falar em rádio, músicas cantadas por usuários em capela para posterior associação com as melodias levantadas pela equipe da Rádio UFMG, RAPs de autoria de um dos usuários, improvisados a cada encontro, paródias musicais (ou canções corrigidas, como o usuário preferiu nomeá-las).

No penúltimo encontro do semestre foi realizada uma reunião, na qual estavam presentes os usuários participantes da oficina, representantes da Rádio UFMG Educativa, docentes e discentes. Neste encontro, o material definitivo que seria enviado para a construção do programa foi selecionado pelos usuários. A primeira edição do material foi feita pela equipe da Rádio UFMG Educativa sem cortes. Esta edição, no último encontro, foi apresentada aos usuários. Neste momento, foram feitos os cortes necessários (no intuito de não exposição da identidade dos usuários e ajuste de tempo dos blocos, privilegiando constantemente os materiais construídos por eles). Todos os participantes da oficina criaram a vinheta, escreveram frases curtas sobre a Reforma Psiquiátrica, sobre a loucura e suas relações com a sociedade, que fizeram a ligação entre as falas e as músicas.

A primeira edição do Louca Sintonia foi ao ar no dia 04/12/2014, como parte do programa diário chamado Conexões que tem como proposta divulgar grupos, projetos e propostas sobre ciência, cultura e cidadania (SANTOS, 2010). Todos os usuários que tiveram participação direta no programa, outros que estavam no Centro de Convivência, alunos, professores, trabalhadores, a gerente do serviço e a equipe da Rádio UFMG Educativa se reuniram para uma confraternização e ouvir o programa. Quando os nomes dos usuários foram anunciados no programa, houve uma mistura de orgulho, vaidade, e posturas altivas de quem teve a oportunidade de usar a própria voz para dizer ao mundo que "a loucura é um jeito diferente de ouvir, sentir e pensar a vida" (frase que foi ao ar durante o programa) e que podem existir diferentes modos de se habitar a cidade (PALOMBINI et al., 2012; GORCZEVISK et al., 2012).

2.1 A segunda edição do programa

No início do primeiro semestre letivo de 2015, quando da volta das atividades acadêmicas, retornamos ao CC e à Rádio UFMG Educativa para reafirmarmos o interesse pela parceria, que foi mantida. Como no semestre anterior, o formato da oficina, bem como o teor do programa (se é que de fato os usuários definiriam que haveria uma nova edição do Louca Sintonia) seria decidido em reunião com os usuários e equipe do CC.

Assim, no primeiro encontro do semestre, foi realizada uma reunião, na qual foi feita a avaliação das atividades do semestre anterior, além da apresentação do novo grupo de alunos de prática que construiria as atividades junto aos usuários. Neste momento avaliativo, profissionais da equipe do Centro de Convivência, usuários e também os novos discentes, tiveram um espaço de diálogo para expor suas ideias e fazer propostas.

De acordo com a avaliação dos usuários e equipe, a experiência da construção e concretização do programa (quando se ouviu coletivamente o resultado), foi de extrema importância.

Quando colocada em pauta a possibilidade da construção de uma nova edição do Louca Sintonia, a decisão pela manutenção do programa foi unânime. Assim, iniciaram-se as discussões sobre o formato e o conteúdo da nova edição. Em relação ao formato, acordou-se que haveria manutenção em relação ao semestre anterior (seria mantido o programa de uma hora, em quatro blocos, sendo um programa especial dentro da programação já existente na Rádio UFMG Educativa). Desta forma, a discussão girou em torno do conteúdo. Dentre as propostas apresentadas, ficou decidido sobre a manutenção do nome (Louca Sintonia) e pelo conteúdo mais artístico do programa. Desta forma, as discentes foram separadas em duplas e designadas para realizar o acompanhamento com os usuários participantes.

O decorrer do semestre reafirmou a continuidade do processo, marcado, sem dúvidas, pelo novo, representado pelas pessoas que chegavam e pelas novas relações e possibilidades que se evidenciavam. Exatamente como pedem processos que não se fecham e que vão se fazendo e se refazendo na medida em que acontecem. O que é muito pertinente à práxis de uma oficina terapêutica em saúde mental e à práxis do processo de ensino-aprendizagem.

A construção do segundo programa seguiu a metodologia utilizada no semestre anterior: as gravações com os usuários ocorreram ao longo do período, nos dias de

encontro da disciplina. Conforme acordado inicialmente, as gravações tiveram um teor mais artístico. Os usuários optaram por cantar músicas, conhecidas ou de própria autoria, recitar textos, expressar suas opiniões em relação a assuntos variados.

Foi possível observar na construção desta edição do programa que os usuários que já haviam gravado no semestre anterior continuaram se engajando na oficina. Numericamente, a quantidade de participantes foi menor, comparado à primeira edição. Por outro lado, foi possível perceber que os usuários que optaram por dar continuidade ao processo estavam mais à vontade para se expressar diante dos gravadores, passaram a demandar a presença das alunas e da equipe da Rádio. O programa, então, no cotidiano do serviço e da disciplina, foi tomando corpo e forma.

O semestre também foi marcado pela visita do psiquiatra italiano Ernesto Venturini. Contemporâneo de Baságli, Venturini fez uma visita ao Centro de Convivência para conhecer o trabalho desenvolvido pela equipe. A visita coincidiu com a proposta, pela equipe da Rádio UFMG Educativa, de transmissão ao vivo do programa Conexões (que transmite a edição semestral do Louca Sintonia), com a participação dos usuários, gestão e profissionais do CC e seguindo a temática 'Penso, Louco Existo', em alusão a uma das alas da Escola de Samba "Liberdade Ainda que Tam-Tam", naquele ano.

A Rádio UFMG Educativa, confirmando mais uma vez a parceria com a disciplina, proporcionou a usuários a oportunidade de atuar nos bastidores de um programa ao vivo de rádio: da operação da mesa de som, passando pela apresentação do programa até a atração artística, foi aberto aos usuários o papel de protagonistas da própria história, tão negligenciada pela sociedade.

Ao oportunizar este papel, entende-se uma ação concreta em terapia ocupacional, na qual o sujeito é ator da sua própria vida, toma suas decisões e vivencia o seu cotidiano de forma plena, mesmo que por alguns momentos. Fato é que, na reunião que se seguiu ao programa ao vivo, os usuários relataram satisfação em relação à forma como a prática vinha se construindo.

Ao final do semestre letivo, os usuários que participaram da oficina e tiveram algum tipo de material produzido, ouviram todo o conteúdo. Naquele momento, os profissionais da Rádio UFMG Educativa levaram todo o material compilado e separado para cada sujeito. Nesta reunião, os próprios usuários escolheram quais materiais iriam ao ar, ficando sob a responsabilidade dos professores da disciplina finalizar a edição das

gravações, organizando e sequenciando o material para o programa, o que aconteceu na própria sede da Rádio.

Então, como no semestre anterior, foi combinado com os usuários e equipe (da Rádio e de profissionais do CC), um café da manhã, no último dia da disciplina. Organizada pelas discentes e pelos usuários, aconteceu a reunião onde o programa Louca Sintonia foi ouvido coletivamente. Novamente, foi possível perceber a satisfação dos usuários, equipe e discentes ao ouvir a própria voz no rádio.

2.3 Louca Sintonia: parte três

A segunda edição do programa, apesar de evidente sucesso da proposta, trouxe pontos importantes de reflexão sobre a prática em saúde mental. Houve o questionamento, por parte dos docentes, se a construção da oficina não produzia 'mais do mesmo', caindo num continuísmo e rigidez positivistas e até que ponto o protagonismo dos usuários estava acontecendo de fato.

O questionamento culminou na necessidade de se propor um trabalho que levasse a um processo de transformação efetivo, no qual a própria realidade dos usuários fosse afetada. Com este pensamento, novamente foi solicitado um encontro com a gestão do Centro de Convivência, no início do semestre para reafirmação da parceria. Neste primeiro contato do período, foram expostas à gestão a angústia em relação às atividades desenvolvidas, o que gerou a proposta de uma reunião que envolvesse os diferentes atores do CC.

Esta reunião inicial, ao contrário do que aconteceu nos semestres anteriores, contou com a presença dos usuários e trabalhadores do equipamento, além de outro grupo de estudantes (estes do curso de medicina de uma das instituições de ensino de Belo Horizonte). Na ocasião, todos os presentes foram convidados a contribuir para a construção de uma nova proposta de trabalho. Resolveu-se, então, que era necessária maior integração entre as oficinas do CC e destas com as atividades propostas pelos professores e alunos das instituições.

O trabalho na oficina de rádio também necessitava ser revisto. Desta forma, houve uma primeira reunião com os usuários participantes, na qual se decidiu pela manutenção do programa. O conteúdo, no entanto, ainda era obscuro para todos: já que a proposta da oficina estava afim à ideia de reconstrução das práticas em saúde mental, o grupo

entendeu que era necessário que os usuários assumissem ainda mais o protagonismo do programa.

Assim, com gravadores e celulares nas mãos, os próprios usuários 'foram a campo', em busca da matéria. Entrevistas, colunas de dicas (como: 'Fala Que Eu Te Escuto, com Francesca Fancini'), apresentação de teorias e ideias, são exemplos do material construído pela equipe, entendida aqui como usuários, trabalhadores do CC e da Rádio UFMG Educativa, docentes e discentes.

Outra mudança importante foi o estabelecimento de parceria entre o curso de terapia ocupacional e o de medicina, para o desenvolvimento das atividades. As ações passaram a ser conjuntas e houve a entrada e participação dos alunos nas oficinas terapêuticas. Ao contrário dos semestres anteriores, nos quais os usuários iam até a sala onde foi estabelecido o 'QG' da oficina de rádio, o processo passou a acontecer em todos os espaços de Centro de Convivência (fosse dentro das oficinas, nas áreas de convivência, na cozinha, nos bancos embaixo das árvores, no ginásio de esportes).

A autonomia para o trabalho, para perguntar e responder da forma como viesse à mente, foi talvez o maior avanço observado nesta terceira edição do programa, resultando em um programa que conseguiu mesclar arte, cultura, reflexão e posicionamentos políticos. O desenrolar das histórias aconteceu de forma mais fluida e natural, sem o constrangimento de ter que falar ou seguir o politicamente correto e esperado. O Louca Sintonia, nesta edição, teve um caráter mais autônomo, mais próximo da realidade vivida tanto no cotidiano do serviço quanto dos usuários. A autonomia na qual acreditamos decorre da apropriação da experiência pelos sujeitos que, por meio da reflexividade, a transformam em projetos coletivos e éticos, o que pode conduzir a um maior empoderamento, como sugerem Castoriadis (1982) e Passos (2006).

No último dia da oficina, conforme a tradição construída nos programas anteriores, foi realizado um café da manhã coletivo, no qual todos da equipe puderam ouvir o programa construído ao longo do semestre. Como nos semestres anteriores, o sentimento de orgulho esteve presente durante a comemoração.

3. CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS

A experiência da oficina de rádio no Centro de Convivência vem se mostrando como um espaço privilegiado de transformações, tanto na prática em saúde mental

quanto no processo de formação de terapeutas ocupacionais, aspecto que não foi abordado neste texto, mas que pretende ser retomado pelos autores em outra publicação.

A ideia inicial da oficina era a de que os usuários construíssem uma autonomia que permitisse a eles se reapropriarem de sua voz. No entanto, a própria ideia de construção de autonomia foi se mostrando, em alguma medida, um grande desafio. Se por um lado as premissas da reforma psiquiátrica foram abraçadas (AMARANTE, 2007; AMARANTE ET AL., 2012; BRASIL, 2011), por outro, foi difícil nos descolarmos do papel central ocupado pelo profissional de saúde. Privilegiar o saber e o cotidiano dos usuários foi, talvez, o maior desafio encontrado pelos docentes e discentes que frequentaram a oficina.

Em diversos momentos foi necessário o abandono, por assim dizer, do saber técnico, da prepotência profissional e do papel de ator central do processo terapêutico (MARQUES et al., 2013). Inclusive, foi somente neste momento em que foi possível perceber, de fato, a potencialidade de cada usuário do CC, no sentido de escrever as próprias histórias.

A confiança mútua entre os usuários e a equipe da universidade foi sendo construída pouco a pouco. No início, eles tinham razões para não aderirem imediatamente à proposta. A desconfiança ficou evidenciada quando nenhum deles compareceu à primeira reunião convocada. A não aprovação pelo edital do governo federal de um projeto feito por eles foi, certamente, uma razão, mas principalmente, o foi a experiência de frustração com a equipe da disciplina anterior que não deu a devolutiva do trabalho feito com eles. Esta é uma situação anti-ética, infelizmente, ainda não pouco frequente em trabalhos acadêmicos, especialmente quando se trata de pesquisa, mas vemos que não só. Esta questão nos remete para a necessidade de uma problematização ética permanente do que fazemos, que está longe de se esgotar numa vigilância procedimental como a exercida pelos comitês de ética em pesquisa, por exemplo (COLLINET e PASSOS, 2015).

Um importante desdobramento da oficina de rádio foi precisamente a elaboração de um projeto de pesquisa de doutoramento de um dos docentes responsáveis, que pretende analisar as possibilidades e os desafios de produção real de autonomia e empoderamento em experiências de caráter autonomista no campo da saúde mental.

É importante destacar como o processo foi se complexificando e expandindo, seja pela apropriação real do projeto pelos usuários, seja pelo envolvimento de todo o CC e outros

estudantes que vieram incrementar a experiência. Este talvez seja o principal diferencial de um trabalho que se pauta pela perseguição da autonomia dos grupos e indivíduos, a saber: a apropriação e ressignificação coletiva do sentido das práticas e dos saberes sociais (VASCONCELOS, 2003, 2015; VASCONCELOS et al., 2006).

Por fim, percebemos que o trabalho, embora já tenha caminhado um bom trajeto, está longe de terminar. Dizemos isso, não porque os usuários ainda precisem de muito suporte nosso para a construção da sua rádio, mas, talvez, porque nós mesmos ainda precisamos de um grande suporte deles para nos mostrar que não somos, assim, tão necessários. De qualquer forma, vamos em frente.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz, 2007.

AMARANTE, P., FREITAS, F., NABUCO, E., & PANDE, M. N. R. (2012). **Da diversidade da loucura à identidade da cultura**: o movimento social cultural no campo da reforma psiquiátrica. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental* 4(8), 125-132.

BASÁGLIA, Franco. **A instituição negada**: relato de um hospital psiquiátrico. Rio de Janeiro: Edições Graal, 326 p. Biblioteca de Filosofia e História das Ciências, v. 17, 1985.

BELO HORIZONTE. **Plano Municipal de Saúde 2014-2017**. Belo Horizonte, 2014.

Disponível em:

<<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do?evento=download&urlArqPlc=pms-2014-2017-aprovado-18-dez-14.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2016.

BRASIL. **Lei 8.080 de 19 de setembro de 1990**. Ministério da Saúde, Brasília, 1990.

Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em 15 mar. 2016.

_____. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial no SUS – RAPS (republicada em 31.12.2011).

Ministério da Saúde, 2011. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html

_____. **Resolução CNS/CES de 19 de fevereiro de 2002**. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 2002. Disponível em:

< <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2016.

COLINET, Séverine & PASSOS, Izabel Friche. **Éthique procédurale, entre petits arrangements et transgression: comparaison Brésil-France**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 3, p. 256-263, set.-dez. 2015.

COSTA, Cristina. M.; FIGUEIREDO, A. C. (Orgs.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 105-116, 2004.

GALLETTI, M.C. **Oficina em Saúde Mental: Instrumento Terapêutico ou intercessor Clínico?** Goiania: Editora UCG, 2004.

GORCZEWSKI, Deisemer; OLIVEIRA, Rafael Wolski; CECCHIN, Ricardo André e TERRAGNO, Tatiana. **Um capítulo inacabado**. In.: PALOMBINI, Analice de Lima; MARASCHIN, Cleci e MOSCHEN, Simone (org.). *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 105-126.

MARQUES, Cecília de Castro; PALOMBINI, Analice; PASSOS, Eduardo; CAMPOS, Rosana Tereza Onocko. **Sobre mudar de lugar e produzir diferenças: a voz dos usuários de serviços públicos de saúde mental**. Rio de Janeiro, *Mnemosine*, v. 9, n.1, 2013.

PALOMBINI, Analice de Lima; STREPPPEL, Fernanda Fontana; CABRAL, Karol Veiga e BELLOC, Márcio Mariath. **Programa de rádio no ar: modos de habitar a cidade**. In.: PALOMBINI, Analice de Lima; MARASCHIN, Cleci e MOSCHEN, Simone (org.). *Tecnologias em rede: oficinas de fazer saúde mental*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 75-85.

PASSOS, Izabel Christina Friche. **A Construção da Autonomia Social e Psíquica no Pensamento de Cornelius Castoriadis**. São João del-Rei, *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 1, n. 1, 2006.

RIBEIRO, Regina Céli Fonseca. **Oficinas e redes sociais na reabilitação psicossocial**. In.: COSTA, C. M.; FIGUEIREDO, A. C. (Orgs.). *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 105-116, 2004.

SANTOS, Elias (2010). *Rádio UFMG Educativa*. In.: PRATA, Nair (org.). **O rádio entre as montanhas: histórias, teorias e afetos da radiofonia mineira**. Belo Horizonte: Fundac, 2010.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à realidade possível**. 2.ed. Rio de Janeiro: Te Corá, 2001.

SOARES, Marta. **Universidade e loucura: recriando territórios**. In.: LOBOSQUE, Ana Marta (org.). *Caderno Saúde Mental-Seminário Universidade e Reforma Psiquiátrica: interrogando a distância*. Belo Horizonte: ESP-MG, v.2. p.39-43, 2009.

_____. **Centros de Convivência: Saídas e invenções** [online]. (2011). Disponível em: < <http://espacosaudemental.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/TEXTO-REFER%20C3%8ANCIA-Marta-Soares.pdf> >. Acesso em: setembro de 2015.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **O poder que brota da dor e da opressão:** empowerment, sua história, teorias e estratégias. São Paulo: Paulus, 383 p., 2003.

_____. **Empowerment and recovery in the mental health field in Brazil:** historical context, cross-national aspects, recent experiences, and critical considerations. Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social da UFRJ, Projeto Transversões. Provisional text for internal discussion, 2015.

_____; Leme, Carla C. Cavalcante Paes; Weingarten, Richard & Novaes, Patrícia Ramos. **Reinventando a vida:** narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental. EncantArte Editora; Editora Hucitec. Rio de Janeiro-São Paulo. 248 p., 2006.